

O acento valorativo das palavras em comentários de facebook: o caso do feminicídio

Karina Giacomelli¹

Universidade Federal de Pelotas

Sandra Larissa Marques Couto²

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo utiliza a teoria dialógica de Bakhtin para analisar o uso o u não da palavra feminicídio em interações verbais na internet, procurando compreender como as relações dialógicas que se estabelecem entre diferentes enunciados definem a sua aceitação; busca-se analisar, também, a acentuação valorativa atribuída à palavra por diferentes locutores. O corpus é composto por comentários dos usuários da rede social Facebook, delimitados os assuntos “homicídio de mulher” e “feminicídio”, com foco na acentuação valorativa das marcas linguísticas utilizadas para a concordância ou recusa da palavra.

Palavras-chave: Feminicídio; Dialogismo; Redes sociais; Bakhtin.

Title: Words' evaluative accent in Facebook comments: the case of femicide

¹ Centro de Letras e Comunicação, UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, e-mail: karina.giacomelli@gmail.com

² Centro de Letras e Comunicação, UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul. Brasil, e-mail: sandralcoutho@hotmail.com

Abstract: This paper uses Bakhtin's dialogical theory to analyze the use or not of the word *femicide* in verbal interactions in the internet, trying to understand how the dialogical relations that are established between different statements define their adhesion; we also analyze the value accentuation attributed to the word by different speakers. The corpus is composed by comments from users of the social network Facebook, delimited the subjects "murder of women" and "femicide", focusing on the value accentuation of the linguistic marks used for the agreement or refusal of the word.

Keywords: Femicide; Dialogismo; Social networks; Bakhtin.

Considerações iniciais

A palavra feminicídio (do inglês *femicide*) tem matriz feminista e política, tendo sido utilizada pela primeira vez em 1976, por Diana Russel, no Tribunal Internacional de Crimes contra as Mulheres, na Bélgica. A partir desse evento, movimentos e estudos feministas de diversos países passaram a adotar e a incentivar o uso dessa palavra para diferenciar casos de assassinato cometidos contra mulheres em razão de ódio ao gênero feminino. No Brasil, a palavra passou a ter grande difusão nos últimos anos, a partir da crescente discussão popular sobre a alta taxa de assassinatos de mulheres. Essa discussão culminou, em 2015, na Lei do Feminicídio (13.104/2015), que alterou o Código Penal brasileiro, tipificando o crime como assassinato de mulheres por motivações de ódio de gênero. Devido à visibilidade da nova lei, as manifestações que já ocorriam a favor ou contra a utilização da palavra aumentaram, especialmente no que tange às plataformas de redes sociais da Internet.

As redes sociais, em diferentes plataformas, vêm ganhando cada vez mais espaço como efetivos meios de comunicação. Em um contexto de popularização da interação virtual, este trabalho reconhece a necessidade de entender os novos meios de diálogo com o outro nessa realidade. Segundo Bakhtin (2003, p.297), "é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições", podendo-se inferir dessa afirmação

que o sujeito se constitui em relações dialógicas, valorativas, com outros sujeitos, opiniões e dizeres. Nesse contexto, busca-se identificar a acentuação valorativa nos enunciados que compõem o corpus a partir de marcas linguísticas utilizadas para a concordância ou recusada palavra *feminicídio* e, por fim, compreender como essas marcas revelam os posicionamentos de diferentes sujeitos mediante o uso da linguagem. Adota-se o Facebook como local de estudo, em razão de sua grande popularidade, e pela riqueza e facilidade com que opiniões diversas, divergentes e convergentes, podem nele ser encontradas.

A perspectiva dialógica da linguagem

Neste trabalho, considera-se que o estudo da linguagem deve contemplar, para além do aspecto formal, o aspecto social da linguagem, pois que ela é uma atividade, e as práticas culturais são condicionantes dos eventos interacionais via linguagem (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999). Nesse sentido, a língua em sua concretude, seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica e o estudo da linguagem deve considerar sempre a produção de sentidos num dado contexto em que sujeito (locutor) e linguagem estão irrevogavelmente atrelados. Essa concepção de linguagem e de discurso vê, assim, a linguagem como “um fenômeno essencialmente ativo: o objeto de estudo e o centro de seu empreendimento teórico e prático é o ato, o *processo* do intercâmbio linguístico, e não os enunciados/discursos como produto” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2015, p.206, grifo dos autores).

O ato do locutor na linguagem é o da enunciação, e esse ato é ao mesmo tempo um fato social e um fato linguístico. O enunciado é definido pelo pensador russo como a unidade concreta e real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003), ou seja, a linguagem em seu uso concreto. Por isso, Bakhtin situa o enunciado no nível social do discurso e confere a ele o valor de elemento ideológico e comunicativo: “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Idem, p.272), pois responde a enunciados anteriores enquanto antecipa os próximos na cadeia ao mesmo tempo em que é singular. Assim, a língua serve ao locutor, que a usa para produzir enunciados concretos estabelecidos em

uma situação social, parte da cadeia complexa de interações dos sujeitos entre si, sendo que essa produção de enunciados nunca isolada ou ideologicamente neutra.

Ainda para essa concepção, a linguagem traz em si o princípio dialógico: o texto é tecido dialogicamente por vozes que, através dos enunciados, embatem, concordam e respondem umas às outras etc.. Como “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN, 2002, p.89), o princípio dialógico é o cerne do processo de constituição do discurso é; na verdade, esse princípio é ao mesmo tempo constitutivo e intrínseco à linguagem. Até uma palavra é dialógica porque contém a voz do outro e, conseqüentemente, o diálogo excede a simples contraposição de inúmeras vozes. Assim, por estabelecer um diálogo entre enunciados, as relações dialógicas não podem ser separadas da língua como fenômeno integral: “a linguagem vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (Idem, p.183). Portanto, toda a vida da linguagem, seja qual for a sua esfera de uso, está impregnada de relações dialógicas que se situam no campo do discurso, já que este é por natureza dialógico (Idem, *ibidem*).

Como a língua é um fenômeno integral concreto, o discurso só pode existir através de enunciados concretos únicos, produzidos pelos sujeitos socialmente orientados, e têm uma postura responsiva ativa nas esferas da comunicação humana. Para Bakhtin/Volochinov (1999), o enunciado concreto sempre une os participantes da situação comum como coparticipantes que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira semelhante.

Ao tecer considerações sobre as relações entre linguagem e sociedade, Bakhtin/Volochinov (Idem) destaca a natureza social e não estritamente individual da enunciação, pois a fala está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. Portanto, se o ato coloca o sujeito na interação com vozes sociais, e se toda ideologia é um reflexo das estruturas sociais, todo signo é ideológico. A dialética do signo é, então, concebida como efeito das estruturas sociais: assim como toda

modificação da construção ideológica do mundo desencadeia uma modificação da língua, as alterações desta se refletem naquela.

A palavra como signo ideológico por excelência

A concepção de palavra, no pensamento bakhtiniano, reposiciona-se em relação às concepções tradicionais de palavra dadas pela linguística e passa a encará-la como um elemento concreto de feitura ideológica (STELLA, 2005). Segundo o Círculo, a palavra possui propriedades que a tornam objeto fundamental da ideologia: a pureza semiótica, a possibilidade de interiorização, a presença obrigatória em todo ato consciente, a neutralidade ideológica e a implicação na comunicação humana ordinária (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999). Todas as propriedades citadas fazem da palavra, na perspectiva bakhtiniana, o objeto fundamental do estudo das ideologias, porque as palavras são “tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos” (Idem, p.41) e servem de trama a todas as relações sociais em todas esferas, pois tem a capacidade de funcionar em todo contexto, fazendo o registro de mudanças sociais que afetam e podem ser percebidas no discurso. Por se realizar na relação social, ela é marcada pelo horizonte social de uma época e um ambiente social determinados.

Desse modo, os significados neutros da palavra garantem sua compreensão por todos os sujeitos; no entanto, o emprego da palavra na comunicação discursiva é irrepetível, pois depende do contexto. A palavra é, então, descrita, na relação com cada sujeito, segundo três categorias: a palavra da língua neutra, que não pertence a ninguém; a palavra “alheia”, eco de outros enunciados; e a “minha” palavra, utilizada com uma intenção discursiva determinada pelo sujeito segundo seu interlocutor. Assim, as palavras “alheias” e as “minhas” são expressivas, pois resultam do contato de cada uma com a realidade concreta, em dadas condições de uma situação real, por meio do enunciado. Nesse sentido, a palavra atua como expressão de uma posição valorativa, um juízo de valor, do locutor.

Pode-se dizer que, para Bakhtin/Volochinov, “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p.130). Isso quer dizer que, para uma palavra isolada ser uma enunciação, ela necessariamente precisa ter um tema, pois isso dissolve a significação, não a deixando se estabilizar. Sem tema, uma palavra isolada seria apenas um sinal. Tema e significação são conceitos inter-relacionados e dependentes entre si. Cada signo constituído, e, portanto, cada enunciação, possui um tema, que é a expressão de uma situação histórica concreta que dá origem à enunciação. Igualmente, possui uma significação: mas, enquanto no tema os elementos (concretos) são irreiteráveis e únicos, na significação os elementos (abstratos) são reiteráveis e idênticos. Em suas palavras:

O tema da enunciação é na essência irredutível à análise. A significação da enunciação, ao contrário, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p.129).

Por isso, a significação isolada não exprime nada em si mesma, sendo apenas um potencial de construir sentido, próprio dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua (CEREJA, 2005). Enquanto o tema se adapta ao contexto, a significação das palavras serve como um elemento do desenvolvimento do tema. Portanto, o tema, ao contrário da significação, é a expressão de uma situação histórica concreta - indissociável da enunciação, é único e irrepetível. Ele é construído tanto pelos elementos estáveis da significação como pelos elementos extraverbais da situação de comunicação. O tema se incorpora à significação, de modo que o sistema é sempre flexível. Assim, enquanto o tema são os sentidos possíveis contextualmente, a significação são seus sentidos convencionais, já estabilizados (SILVA, 2016).

Outra importante noção para este trabalho é a da acentuação valorativa, ou valoração. Segundo Pereira e Rodrigues (2012), para o entendimento da noção de valoração, é necessário, primeiramente, considerar que a noção de ideologia está relacionada à estrutura sociopolítica e econômica da sociedade, e em segundo lugar, que ideologia e linguagem têm uma relação constitutiva, pois tudo que é ideológico

possui um valor semiótico. Por isso, o domínio ideológico coincide com o domínio dos signos, sendo eles mutuamente correspondentes. Nesse sentido, todo enunciado é ideológico, como explicita Sobral e Giacomelli (2015, p.215):

Assim como não há enunciados não dialógicos, não há alguns enunciados ideológicos e outros que não são; todo enunciado é ideológico, revela uma posição, uma valorização. Na verdade, para a concepção dialógica, todo agir do sujeito implica uma valorização. Toda posição valorativa é relativa, e as posições se sustentam ou não a depender da correlação de forças de cada segmento social e de cada tempo, lugar e conjuntura. Mas todo ato humano é valorado, vem de, e revela, uma posição.

Essa “tomada de posição” do sujeito significa que toda enunciação, seja qual for a sua forma, contém sempre a indicação de um acordo ou um desacordo com alguma outra enunciação. Toda posição valorativa é relativa, já que o centro organizador de toda enunciação não é interior, mas exterior – está no meio social –, e os sentidos surgem a partir de construções discursivas nas quais o sujeito não é dono absoluto de seu dizer. Os contextos possíveis de uma única palavra podem ser mutuamente conflitantes em algumas situações de interação, e o conflito pode ser tenso e intermitente. Assim, a situação específica e os participantes imediatos determinam a forma e o estilo da enunciação, ou seja, “Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p.114). Todo enunciado é, então, uma reação-resposta a algum outro.

A valorização em comentários de Facebook

Para Said (2014), pode-se utilizar a teoria bakhtiniana para a compreensão das interações discursivas nas redes sociais. Em uma rede social, o “perfil” é a representação do eu em formato digital e, nele, as idiossincrasias do sujeito são pontuadas e formuladas de modo que se produza uma representação semelhante à que se pretende criar na vida

off-line. Nas interações dos sujeitos, através de comentários nas redes sociais, o outro se torna um ente que interage dialogicamente de modo direto ou indireto, tornando-se parte da própria constituição da subjetividade individual:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p.302).

Nessa perspectiva, as relações dialógicas podem ser facilmente percebidas nas interações online, pois todo discurso manifesta a incorporação do discurso alheio. Essa incorporação pode ser comprovada nas redes sociais, nos compartilhamentos, curtidas, citações etc. Esse foi, então, o ambiente de estabelecimento do corpus deste trabalho, já que nele as interações reais entre sujeitos, concebidos pela teoria dialógica como sócio-historicamente posicionados, estão a todo momento se atualizando. Isso é importante na medida em que a motivação desta pesquisa centra-se no uso de uma palavra recente, em enunciados em que se procura apreender como se dá a aceitação ou a recusa do termo *feminicídio*, observando as motivações elencadas para essas reações.

O critério para a seleção dos enunciados-comentários aqui apresentados foi o do acesso aos posts em páginas públicas abertas do Facebook. De modo geral, foram retirados de páginas de jornais tradicionais, não sendo nenhum de páginas pessoais. Buscou-se, portanto, o comentário público que estabelecesse relações dialógicas entre diferentes pontos de vista sobre o uso da palavra em situações em que os sujeitos não interagem em grupos conhecidos, mas em um espectro amplo de interlocução.

Foram retirados dos posts, os comentários de notícias sobre mortes de mulheres em crimes tipificados como feminicídio nos quais se procura

descrever, analisar e interpretar os enunciados, como proposto por Brait (2006) a partir do que seria uma ordem metodológica apresentada por Bakhtin/Volochinov para o estudo da língua que compreenderia:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. 2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal. 3. A partir daí exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (Bakhtin/Volochinov, 1999, p.124).

Além disso, de acordo com Brait (Idem), assume-se uma abordagem do discurso de um ponto de vista ao mesmo tempo interno e externo. Isso significa dizer que é necessária uma atitude compreensiva ativa para verificar de que modo se dá a prática discursiva, que é, como se disse, social, de realizar comentários na internet, contrapondo as formas linguísticas utilizadas em sua significação habitual frente aos comentários de grupos favoráveis ou opositores à utilização da palavra *feminicídio* em lugar de homicídio). Para isso, é necessário primeiramente situar os enunciadore/locutores/comentaristas, que, mesmo com motivações interiores, situam-se nessa polaridade identificada como a favor ou contra o uso da palavra utilizando discursos historicamente situados, dialogando com o presente e o passado e também com o que presumem ser o futuro.

A atribuição de sentido que determinados locutores dão às palavras quem escolhem para compor seus comentários é diversa porque eles pertencem a diferentes grupos sociais, sendo somente possível identificar o acento valorativo presente na oposição uso/recusa a partir do contexto. Soma-se a isso a análise das escolhas lexicais, das formas dadas à palavra (em caixa alta, separando as sílabas com hífen, por exemplo), da criação de neologismos, que constituem a expressividade de cada enunciado, mostrando a apreciação valorativa do comentarista aos posts que trazem a palavra *feminicídio* ou que, pelo contrário, não a trazem, embora haja comentaristas que exijam o seu uso, recusando o uso, na notícia, do termo *homicídio*. Portanto, as palavras não serão analisadas na sua significação

O acento valorativo das palavras em comentários de facebook: o caso do feminicídio

dicionarizada, estática, mas, como adquirem sentido no uso, na interação, nas relações dialógicas estabelecidas por meio delas.

Resumindo: tudo o que é enunciado tem um caráter de vínculo entre os interesses sociais que o impulsionam e os acentos valorativos que cada grupo social assume. Assim, para as análises, leva-se em conta a máxima bakhtiniana de que o dizer é uma arena da luta de classes. Os diferentes grupos utilizam a mesma língua, mas os acentos valorativos dados a cada palavra, tornando-a um signo ideológico, não são os mesmos, o que reflete as diferenças que formam o tecido social do qual emergem essas distintas vozes.

Inicia-se, então, com alguns comentários de oposição ao uso da palavra feminicídio, exemplificados pelos enunciados (1), (2) e (3), comentários a um post cuja notícia traz em seu título a palavra feminicídio:



Figura 4: Enunciado (1)

Fonte: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150951301609956>

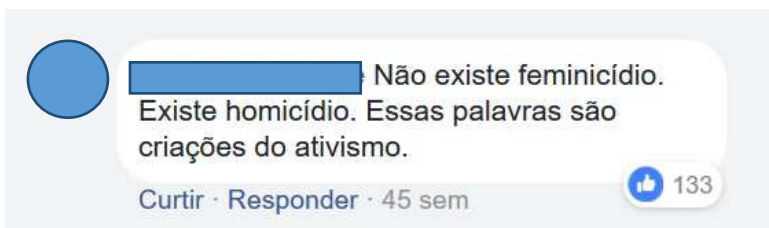


Figura 5: Enunciado (2)

Fonte: <https://www.facebook.com/SenadoFederal/photos/a.176982505650946.49197.150311598318037/1947164605299385/?type=3>

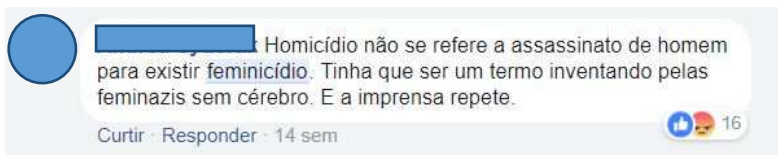


Figura 6: Enunciado (3)

Fonte: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150951301609956>

Esses são enunciados de dois locutores homens (1 e 2) e um locutor mulher (3) em que são dadas valorações negativas à palavra feminicídio, e o conjunto das palavras utilizadas parece construir uma narrativa que busca desacreditar a existência da palavra, negando-a.

No enunciado (1), é evocada a palavra “tradição”, valorada como a manutenção dos valores sociais vigentes. É possível sustentar essa afirmação com base nas informações do verbete “tradição” que traz como significação “continuidade ou permanência de uma doutrina, visão de mundo, costumes e valores de um grupo social”. Mas “Tradição” dialoga, no comentário, não a generalização dada pelo dicionário e sim com as esferas mais conservadoras da sociedade, o que lhe dá um sentido particular e restritivo. E, como foi utilizada pelo locutor relacionada à “comunicação” e a “veículo”, é usada para questionar os meios de comunicação que não estão seguindo o “padrão”, o enquadramento ideológico “oficial”, de acordo com a sua visão de mundo. A “tradição”, nesse enunciado, é julgada como o correto, enquanto o uso de “feminicídio” é o oposto, ou seja, é errôneo o seu uso. Já que, para ele, essa palavra, por não ter uso consagrado, não existe na língua portuguesa, um veículo de comunicação renomado, tradicional, não poderia utilizá-la. Essa perspectiva deixa indícios de um diálogo também com uma perspectiva ideológica gramaticalista acerca do português, a qual ignora a constituição histórica da língua ao defender uma versão engessada desta. O locutor conclui seu comentário utilizando a abreviação “PQP” abreviatura de um termo de baixo calão comumente utilizado em comunicações da internet para demonstrar raiva. No contexto do comentário, ele se coloca numa posição de indignação frente à quebra da

“tradição” por um jornal que supostamente deveria prezá-la, mas que não atende a essa expectativa ao utilizar a palavra *feminicídio*.

A questão da inexistência da palavra *feminicídio* nos meios tradicionais também aparece no enunciado (2), em que o locutor valora seu enunciado por meio da oposição existência-homicídio/inexistência-feminicídio. O uso da palavra, dita inexistente, é atribuído ao “ativismo”, valorado negativamente, como mostra a relação entre “criações” e “ativismo”. Trata-se da defesa da ideia de que o feminicídio é mero termo inventado pelos movimentos sociais, sem base na realidade. Pela expressividade negativa expressa, pode-se dizer que ele posiciona-se ao mesmo tempo contra o ativismo e contra o uso da palavra *feminicídio*.

Esse mesmo sentido de inexistência também é trazido no enunciado (3), dessa vez a partir da utilização do termo “inventado”. Porém, neste, a invenção não seria (apenas) de um ativismo em geral, mas de um grupo específico, caracterizado como “feminazi”. “Feminazi” é um termo que foi utilizado pela primeira vez em 1990 pelo radialista estadunidense Rush Limbaugh para se referir às mulheres que, naquela época e naquele país, defendiam a interrupção da gravidez. Esse termo se origina da junção das palavras “feminista” e “nazista” e é utilizado pejorativamente para descrever o comportamento extremo ou radical de mulheres que militam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Atualmente, no contexto brasileiro, o termo é bastante popular especialmente nas redes sociais, em que é utilizado para deslegitimar a fala de mulheres feministas, independentemente do fato de sua atitude ou vinculação política ser radical ou não. Assim, a palavra “feminazi”, no enunciado produzido por (3), tem uma entonação valorativa bastante negativa, além de um caráter moralizante, contribuindo para a criação de um estigma e incentivando o preconceito contra um interlocutor principalmente: as feministas, um grupo socialmente minoritário.

No enunciado (3), como em (1), novamente é evocada a imprensa, a qual, na perspectiva dos locutores, deveria cumprir seu papel social tradicional, “neutro”, mas não o faz, pois, para eles, ao utilizar a palavra *feminicídio*, o veículo assume um lado. Porém, o que é feito, pelo jornal, é

o uso da palavra de acordo com a Lei, que talvez os leitores desconheçam. Ainda assim, isso não seria determinante da recusa ao uso da palavra, pois há uma petição na internet que pede a retirada desse termo da Lei.

No enunciado (4), que ocasionou reações de 68 usuários do Facebook, também reverbera um desconhecimento da Lei do Feminicídio, qualificadora no crime de assassinato de mulheres:

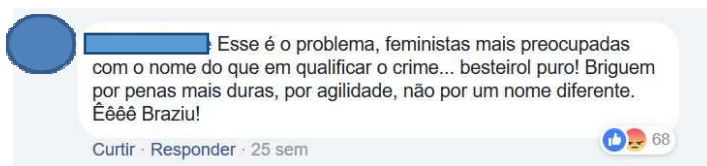


Figura 7: Enunciado (4)

Fonte: <https://www.facebook.com/SenadoFederal/photos/a.176982505650946.49197.150311598318037/1947164605299385/?type=3>

Ao coordenar as palavras “penas”, “duras” e “agilidade”, o locutor posiciona-se no contexto brasileiro como um cidadão preocupado com os entraves jurídicos na condenação por crimes de assassinato. Utiliza sua visão político-ideológica para dizer quão importante são penas mais duras e agilidade no julgamento dos crimes e não a nomenclatura, colocando o “nome” em oposição à qualificação do crime. Ao mesmo tempo, vincula a palavra “problema” à palavra “feministas”, mulheres que participam do movimento feminista, imputando-lhes uma responsabilidade social pela não caracterização do crime. O locutor, que é do sexo masculino, nega a palavra e, portanto, o discurso da existência de crimes de assassinato específicos por ódio de gênero às mulheres. Ele também utiliza a palavra “besteiro!”, que tanto pode adquirir um sentido de discurso sem lógica, repleto de besteiras, asneiras, como um comportamento estúpido, mas também referir-se à Comédia Besteiro!, que é um gênero de TV e cinema humorístico definido por seu conteúdo escrachado, geralmente usado para criticar a sociedade ou a política de maneira bem humorada. Portanto, o

locutor, ao coordenar as palavras “feministas” com “besteiro!”, utiliza a referência ao gênero humorístico para invalidar a crítica social e corroborar o esvaziamento das críticas à sociedade em geral, das feitas pelo feminismo e, por fim, da palavra *feminicídio*, que seria, assim, supérflua.

A valoração negativa proveniente da vinculação direta da palavra “feminicídio” aos movimentos sociais também aparece no enunciado (5):

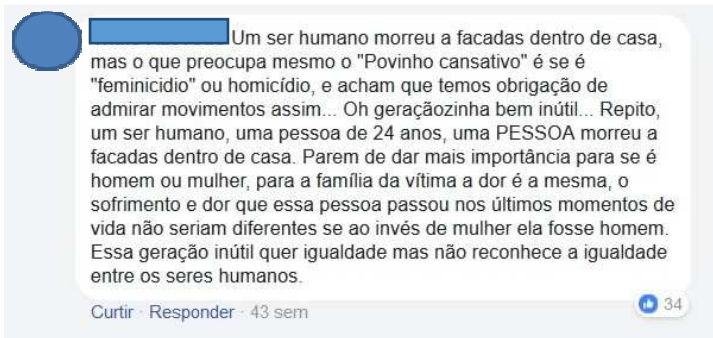


Figura 8: Enunciado (5)

Fonte: www.facebook.com/diariopopularRS/posts/15633667500357879

Neste, a locutora traz as palavras “geraçõzinha” e “povinho”, no diminutivo, coordenados aos adjetivos “inútil” e “cansativo”, respectivamente. As palavras no diminutivo, que podem adquirir valoração pejorativa no português brasileiro, criticam diretamente a população jovem engajada nos movimentos sociais usando adjetivos com entonações negativas. Essas palavras podem fazer referência, também, ao “ativismo de sofá”, expressão pejorativa usada para descrever ações e campanhas nas redes sociais tidas como questionáveis – pelo fato de seus resultados não aparecerem objetivamente, de forma prática – e para designar as pessoas que compartilham em suas redes sociais conteúdos vinculados a pautas de movimentos sociais apenas para aparentar engajamento ou livrar-se de culpa. Em suma, a locutora valora os movimentos sociais, em sua expressão nas redes, como “inúteis” e restringe a preocupação com a palavra *feminicídio* apenas a eles. Ao fazer isso, demonstra a sua oposição

aos movimentos sociais e se coloca na perspectiva utilidade x inutilidade sobre o uso da palavra feminicídio. A relação estabelecida entre movimentos sociais e a palavra *feminicídio* pode indicar que a consolidação das valorações negativas do termo advém de um debate mais amplo da sociedade do que a questão do uso da palavra, expresso, atualmente, em termos de oposição a qualquer pauta sobre minorias, tidas como “de esquerda”.

O enunciado (5) também traz uma relação de contraste entre homicídio e feminicídio, equivalente ao contraste ser humano x mulher. A locutora utiliza a palavra “pessoa” em caixa alta para acentuar sua opinião, relacionando-as às palavras “dor” e “sofrimento”, com forte expressividade emocional negativa. Ao defender que homens e mulheres passam pelas mesmas dores, a valoração impressa ao seu comentário centra-se na não relevância da denominação desse tipo de assassinato. Quanto a isso, esse enunciado é bastante revelador, pois dialoga com o discurso usual da agenda feminista (busca pela igualdade) para trazer uma valoração diferente à igualdade: enquanto no movimento feminista o acesso ao direito à igualdade é feito mediante a eliminação das desigualdades, para a locutora, a igualdade só pode ser alcançada a partir do tratamento igual a todos os seres humanos, especialmente numa situação de aparente igualdade: o assassinato de alguém. Ao fazer isso, ela nega a existência de uma desigualdade – o assassinato de mulheres por homens –, mas ressalta a desigualdade que ela observa a partir de sua visão de mundo – o tratamento diferenciado aos crimes de assassinato).

Se esses primeiros comentários são exemplos de enunciados em que a valoração dada pelos locutores é de oposição ao uso da palavra feminicídio, outros podem ser apresentados para exemplificar o acento valorativo dado ao que expressam a defesa do uso dessa palavra. Neles, a maior parte dos locutores são mulheres. A utilização da palavra feminicídio na Lei marca o reconhecimento público da necessidade de demarcação de uma especificidade importante, considerando as estatísticas de assassinato de mulheres, o que requer medidas públicas especiais para contenção desse tipo de crime contra as mulheres e a punição exemplar para quem o comete. Como o reconhecimento pela Lei foi considerado por movimentos

feministas como uma “vitória”, e como foi a partir dela, que os veículos de comunicação passaram a utilizar a palavra, em muitos enunciados é possível encontrar elogios por esse fato, como no primeiro comentário da figura 6:



Figura 6: Enunciado (6)

Fonte: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150951301609956>

Na figura 6, há dois enunciados. O primeiro traz as palavras “parabéns”, coordenadas às palavras “correta” e “abordagem”, valoradas positivamente, que é, inicialmente, dirigido ao interlocutor imediato – o jornal –; mas, em última instância, faz oposição aos discursos, aos sujeitos e instituições que ainda não a utilizam ou que recusam seu uso. Isso porque, para haver elogios, que são uma forma de validação, é preciso existir discursos em que a palavra ainda não seja aceita; ou seja, os elogios respondem a esse discurso, em relação dialógica de contraposição a ele. Por fim, a locutora utiliza o verbo na terceira pessoa do plural – “devemos” –, trazendo a figura do “nós”, demarcando que o uso da palavra deveria ser geral, de todos. No segundo enunciado da figura 11, retorna a questão da oposição existência x inexistência do termo ou de que ele é uma bobagem, discutidos anteriormente nos enunciados de oposição ao uso da palavra: esse enunciado responde a outros discursos que tratam feminicídio como lamúria, rebatendo-os e utilizando o post do jornal como

um fato concreto, mais uma estatística, valorada pelas palavras “aí”, “mais” e “caso”.

Já nos comentários das figuras 7 e 8, aparece uma oposição à forma com que são noticiados os assassinatos pelos veículos de comunicação:



Figura 7: Enunciado (7)

Fonte: <https://www.facebook.com/diariopopularRS/posts/1357163814311583>

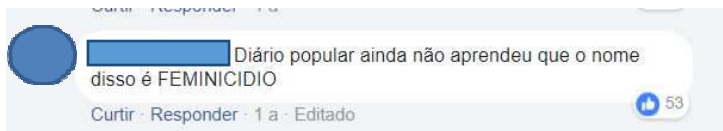


Figura 8: Enunciado (8)

Fonte: <https://www.facebook.com/diariopopularRS/posts/1357163814311583>

No enunciado (7), o locutor utiliza a caixa alta e a separação por sílabas para dar maior ênfase à palavra e à necessidade de seu uso. Utiliza a palavra “Inacreditável”, também enfatizando o fato de que seu uso ainda não acontece. Ou seja, o enunciado é valorado no destaque à necessidade de uso e à descrença de que haja ainda recusa no uso dessa palavra. No (8), a palavra também aparece em maiúscula, mas sem separação das sílabas. Os enunciados (7) e (8) fazem também crítica ao jornal que vinculou o post sem a utilização da palavra. Portanto, nesses enunciados, como nos discursos de oposição ao uso da palavra, há também uma exigência ao jornal, só que agora do lado oposto - enquanto nos enunciados do grupo antagonista há uma oposição ao uso da palavra pelos jornais, nesses há a exigência do seu uso. Em ambos os casos, a figura do jornal aparece como normalizadora do que é correto, a partir do

O acento valorativo das palavras em comentários de facebook: o caso do feminicídio

papel tradicional que exerce na sociedade, sendo por isso alvo de exigências de variados grupos, numa intensa disputa sobre qual das histórias será a contada. No enunciado (8) isso também aparece, com a utilização da palavra “ainda”, numa oposição passado x presente, mas, em contraponto ao discurso do grupo opositor, o tempo presente é valorado como aquele em que coisas atrasadas ou erradas devem ser superadas, isto é, o passado deve ser superado, o que demonstra o juízo de valor negativo quanto ao tempo em que não se marcava esse tipo de crime.

Nas figuras 9 e 10, aparece a oposição às palavras “crime” + “passional” que eram utilizadas tradicionalmente para descrever assassinatos de mulheres por homens, geralmente maridos ou namorados, que matavam por ciúmes, brigas familiares, separação etc.:

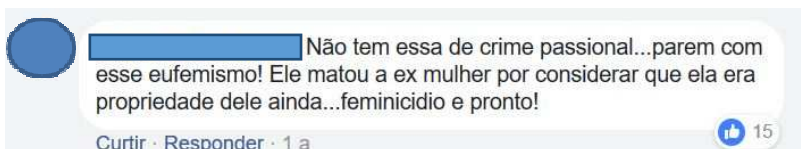


Figura 9: Enunciado (9)

Fonte: www.facebook.com/diariopopularRS/posts/15633667500357879

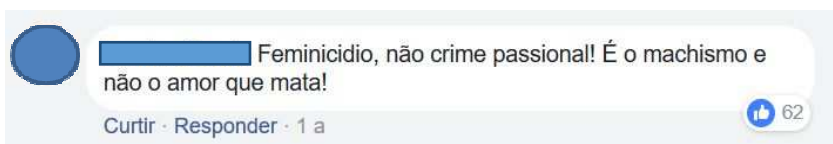


Figura 10: Enunciado (10)

Fonte: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/2143499332358725>

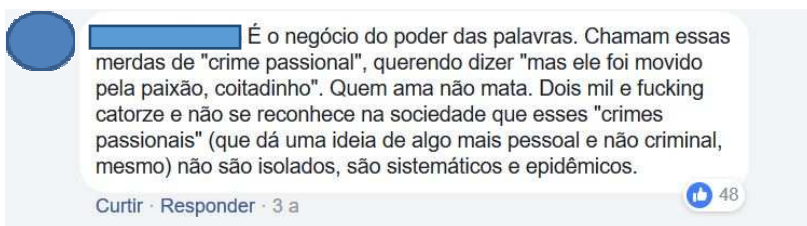


Figura 11: Enunciado (11)

Fonte: <https://www.facebook.com/estado/posts/2323936647621384>

De uma forma generalista, crime passionnal é a expressão utilizada para descrever um crime motivado por uma grande emoção do autor do assassinato. O termo passionnal, utilizado para caracterizar o crime tanto juridicamente como no senso-comum, não só faz referência a um alto grau de emoção do autor do crime (a partir de um sentimento de posse?) em relação à vítima como valora isso positivamente. Associar esse tipo de crime à paixão, amor e ciúme foi um recurso usado por advogados na década de 1940 para que assassinos de mulheres fossem perdoados, já que, nessa década, ocorreu uma mudança no Código Penal que passou a indiciá-los; antes disso, maridos que matavam por ciúmes ou traição não eram incriminados.

Tanto pelo contexto histórico de utilização dessa denominação, quanto pelos usos atuais, faz parte da agenda feminista brasileira recusar a palavra “passional” para descrever assassinos ou crimes cometidos contra mulheres, utilizanso a palavra feminicídio em oposição a ela. Tanto no enunciado (09) quanto no (10), há a forte demarcação da oposição (crime) passionnalx feminicídio. Neles, passionnal é valorado, negativamente, como um eufemismo. Além disso, a palavra “amor” surge em oposição tanto a “assassinato” quanto a “machismo”. No enunciado (11), novamente a oposição passionnalx feminicídio. Outra oposição que se repete é de “amor”x “assassinato”. Essa construção tem um valor sócio-histórico na política feminista, proveniente em grande parte da expressão “Quem Ama Não Mata”, criado pelo movimento feminista brasileiro na década de 1980 para protestar contra a onda de assassinatos a mulheres por seus

companheiros. Um dos mais famosos casos é o da socialite Ângela Diniz, morta pelo companheiro, Doca Street; outros seis casos envolvendo pessoas de “bom nível social” aconteceram na mesma época, e, por isso, esses casos tiveram grande repercussão.

O movimento feminista, composto naquele momento, majoritariamente por mulheres brancas e de classe média, reagiu criando a campanha “Quem Ama não Mata”. O enunciado estava presente nas pichações nos muros das grandes cidades, em cartazes nas manifestações que ocorriam nos julgamentos de assassinos etc. Por fim, ficou muito conhecida por se tornar o nome de novela de uma grande emissora de televisão do país, na qual havia núcleos apresentavam situações de violência familiar. O enunciado, que suscita a oposição “amor” x “assassinato” até hoje repercute. O enunciado (11) também traz outras oposições para compor sua argumentação valorativa contra o crime passional, como “pessoal” x “criminal” e “isolados” x “sistemáticos, epidêmicos”.

Considerações Finais

Os exemplos apresentados, analisados de acordo com o princípio dialógico da linguagem, enfatizando-se a acentuação valorativa, mostram que os enunciados a favor e contra a palavra feminicídio demonstram opiniões divididas a respeito do sentido do termo em seu uso concreto ou mesmo da necessidade de existência dessa palavra. Talvez seja possível ver nessas oposições o reflexo da polarização política que tem caracterizado o país desde as manifestações de 2013, que podem ser resumidas de maneira simplista, dada a falta de uma reflexão sistemática e fundamentada, em conservadorismo x liberalismo ou direita x esquerda. Isso tem feito com que pautas minoritárias estejam sendo defendidas por grupos mais progressistas e atacadas pelos mais conservadores, como se dá com a questão do feminismo, por exemplo, e do uso de uma palavra importante para o movimento, como é o caso de feminicídio. Assim, embora cada comentário tenha um locutor, sabe-se, seguindo a concepção bakhtiniana, que o “eu” nunca é individual, mas sempre constituído pelo

outro. Do mesmo modo, a palavra em uso é objeto de uma valoração que também nunca é apenas de um indivíduo, pois reflete uma posição ideológica inerente a grupos sociais, ou seja, a valoração dada depende da relação entre o locutor e os discursos através dos quais ele se orienta, seja na aceitação, recusa, concordância etc.

As palavras utilizadas nos enunciados revelam de que maneira o locutor se posiciona quanto ao objeto do qual fala, e como seu enunciado se relaciona com outros enunciados sobre esse mesmo objeto. Assim, as relações dialógicas que se estabelecem permitem a ele exprimir sua posição sobre a palavra feminicídio em seus enunciados, mostrando que suas escolhas, sejam gramaticais, lexicais ou semânticas, feitas de acordo com a situação, com contexto de enunciação, e com o seu objetivo de dizer são o resultado de seu posicionamento e refletem esse posicionamento.

Além disso, ao se considerar a noção bakhtiniana de que língua e vida estão irrevogavelmente atreladas, pode-se dizer que a palavra feminicídio reflete a mudança que vem acontecendo no meio social atualmente. No contexto sócio-histórico brasileiro destes anos 2010, observa-se que a divisão de opiniões acerca da palavra feminicídio é polarizada, tal qual se tem observado em outros assuntos e segmentos da sociedade nessa década, as quais, importante destacar, foram organizadas e acompanhadas em tempo real através da internet, em especial com a popularização das redes sociais como o Facebook. Desde então, basicamente todo conteúdo que aí é passível de sofrer homogeneização de acordo com um dos polos. Todas as ditas pautas políticas, econômicas e sociais da “esquerda” são vistas como inimigas da “direita” e vice-versa, como por exemplo, o feminismo, objeto tanto de discurso favorável como de discurso de oposição, dependendo do posicionamento político daquele que enuncia.

Finalmente, é importante colocar que os enunciados a favor ou contra o uso da palavra feminicídio dialogam também com um terceiro interlocutor, invisível e superior, o “superdestinatário” (BAKHTIN, 2003, p. 333) uma espécie de fiador do dizer. Ele pode ser Deus, a ciência, a moral etc. Nos comentários estudados, são recorrentes as palavras e noções que

se repetem e configuram oposições entre retrógrado x tradicional, útil x inútil, assassinato x machismo etc., as quais parecem indicar que o apoio e oposição à palavra são realizadas por locutores com posicionamentos aparentemente afastados do espectro político, mas que recorrem aos mesmos valores, supostamente acima deles, a fim de validar suas posições.

Esse superdestinatário tem no corpus características definidas de acordo com o posicionamento do locutor. Um exemplo é a questão da função do jornal. Em um lado do espectro, há quem o censure por usar feminicídio, e, do outro, quem o elogie justamente por isso. A função do jornal na sociedade, de defender valores positivos, é mantida nos dois casos, e a divergência vem do que se espera que ele faça para cumprir essa função: não usar palavras desnecessárias ou que não existam, porque já há outras, *versus* usar uma nova palavra necessária para falar de um objeto. A base dessas propostas revela que os posicionamentos a favor recorrem à especificidade do objeto a ser nomeado, enquanto os contra recorrem à generalidade: assassinato de mulheres por sexismo, misoginia *versus* assassinato de seres humanos. Trata-se, sobretudo, de dar sentido a um objeto a partir de posições ideológicas que recobrem enunciados de juízos de valor ligados pelas relações dialógicas.

Referências

- BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M/VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá, Niterói*, n.20, p.47-62, 1.sem, 2006.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v.14, n.1, p.177-194, jan./abr. 2014.

SAID, G. *Mikhail Bakhtin e as redes sociais: um diálogo possível?* ALAIC, Congresso PUCP, 2014.

SILVA, C.G. Uma reflexão bakhtiniana sobre a palavra e seus sentidos: signoideológico, significação e tema em perspectiva dialógica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.52, p.440-460, 2016.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. A concepção dialógica e os dois planos da linguagem e da constituição do sujeito: algumas considerações. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, v.1, n.24, p.204-223, 2015.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.